Evento: Salão do Conhecimento

LAMINITE EQUINA: RELATO DE CASO[1]

Adrieli da Silva[2], Cibele Schumacher Both[3], Jackson Fernando Colet[4]

[1] Trabalho desenvolvido na disciplina de Semiologia Veterinária no curso de Medicina Veterinária – UNIJUÍ.
[2] Adrieli da Silva, Acadêmica do curso de Medicina Veterinária – UNIJUÍ.
[3] Cibele Schumacher Both, Acadêmica do curso de Medicina Veterinária – UNIJUÍ.
[4] Jackson Fernando Colet, Professor do curso de Medicina Veterinária – UNIJUÍ

INTRODUÇÃO

A laminite, também conhecida como pododermatite asséptica, é uma enfermidade causada pela diminuição da perfusão sanguínea nos capilares das lâminas dos cascos (Assis, 2016). É considerada a enfermidade mais grave que acomete o casco dos equinos, podendo afetar tanto membros pélvicos quanto torácicos, no entanto devido ao peso do animal estar distribuído majoritariamente nos membros torácicos estes costumam ser mais afetados.

De acordo com Thomassian (2000), dentre os equídeos, os pôneis são quatro vezes mais suscetíveis, assim como a faixa etária entre quatro à dez anos e animais transportados que permanecem muitos dias em decúbito quadrupedal, sem alimentação e ingestão de água adequadas. Em contrapartida, cavalos castrados são menos predispostos a desenvolver essa enfermidade.

Segundo Eades (2010), os fatores que explicam o desenvolvimento desta enfermidade estão relacionados ao excesso de carboidratos, síndromes metabólicas, quadros de endotoxemias, resistência à insulina e também em quadros subsequentes à síndrome cólica. De igual modo, Thomassian (2005) descreve o envolvimento de lesões traumáticas e infecciosas, como treinamento intenso de equinos atletas e éguas apresentando retenção de placenta, endometrite e pneumonia.

Marcato (2020), afirma que a laminite subdivide-se em duas fases, a fase aguda e a crônica. A fase aguda consiste na elevação da temperatura da parede do casco e na hipertensão das artérias digitais e colaterais. Concomitantemente, os animais afetados podem apresentar hiperpneia, taquipneia e ainda, evitar realizar movimentos bruscos, como por

exemplo, a dificuldade para fazer giros, o que desencadeia uma marcha curta com o apoio do peso corporal sobre o talão dos cascos. Em muitos casos, a região do sulco coronário do casco pode apresentar edema devido à inflamação intensa.

A fase crônica abrange a repetição da forma aguda e pode gerar o "Turkish slippe", isto é, a deformação do casco com a elevação do talão e o alongamento da parede anterior, ou até mesmo iniciar um desvio ventral da terceira falange, tanto pela disjunção dermo-epidérmica quanto por uma hiperplasia das lâminas epidérmicas com crescimento córneo. A ponta da falange distal pode se projetar em direção da sola, vindo a perfurá-la ou a deformando de côncava para convexa.

O presente trabalho tem por objetivo relatar o manejo clínico e terapêutico de um caso de laminite em égua prenhe atendida em julho de 2025.

METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido trata-se de um relato de caso clínico de um equino fêmea, com histórico de laminite prévia há dois anos com origem metabólica associada a ferrageamento, sendo que na época o animal foi tratado e teve uma ótima resposta ao tratamento, entretanto em março de 2025 apresentou novamente sinais compatíveis com laminite, como rigidez na marcha, transferência de carga para os membros posteriores, pulso digital intenso e dificuldade de locomoção.

Na mesma época o proprietário havia colocado a égua em cria e posteriormente se observou a presença desses sinais, estando o animal a pasto, com suplementação em cocho de aveia e feno. Após observação dos sinais clínicos, o proprietário do equino optou pelo encaminhamento a um centro clínico para diagnóstico e tratamento.

O atendimento inicial constituiu-se de uma avaliação clínica geral do animal onde verificou-se pulso digital intenso, andar rígido, característicos de um quadro de laminite e posteriormente exame radiográfico dos membros torácicos, que evidenciou rotação dorsal discreta da falange distal, redução da espessura da sola e rotação palmar da falange.

Desta forma, o protocolo terapêutico adotado incluiu uma órtese de silicone com gesso visando conforto, redução da inflamação, compressão e promovendo estabilização biomecânica do casco, associado a redução da tensão dorsal das lâminas do casco. No protocolo de reabilitação foi indicado repouso total do animal em cocheira, além de suspensão

do fornecimento de concentrado por 14 dias, e o método de terapia antiinflamatória adotada foi a administração de firocoxibe oral durante 14 dias.

Após 30 dias do atendimento substituiu-se a imobilização em gesso por ferradura de alumínio plana com apoio de ranilha, modelo conhecido como "ferradura de coração", e após 45 dias de acompanhamento com melhora significativa do quadro clínico, o animal recebeu alta com recomendações de restrição a exercícios e manutenção em piquetes com terreno regular, livres de pedras, com objetivo de evitar traumas ao casco e auxílio no processo de recuperação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O animal apresentava sinais clínicos correspondentes a laminite, como rigidez na marcha, relutância em se locomover e pulso digital intenso. Dessa forma, a imagem radiográfica (figura 1) identificou rotação dorsal discreta da falange distal, associada à redução da espessura da sola e rotação palmar, confirmando a suspeita clínica.

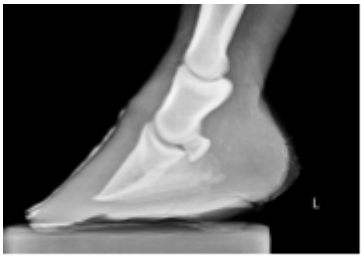

Figura 1

Figura 2

Figura 3

Figura 1. Radiografia em projeção lateromedial do casco do membro torácico esquerdo.

Figura 2. Aplicação da órtese de silicone.

Figura 3. Engessamento da órtese de silicone.

O uso de antiinflamatórios em éguas gestantes exige cautela, Machado (2025) destaca o uso de firocoxibe um anti-inflamatório não esteroidal seletivo para COX-2 como método seguro para éguas prenhes, tendo em vista que o mesmo não compromete no ciclo reprodutivo dos animais. Desta forma o tratamento baseou-se na aplicação deste fármaco exclusivo, para controle da dor e inflamação devido a condição do animal, não utilizando vasodilatadores e demais analgésicos, antiinflamatórios pela resposta safistafória demonstrada na terapia utilizada do uso do Firocoxibe e órtese de casco.

O protocolo terapêutico baseado na utilização de órtese de silicone associada à imobilização em gesso promoveu conforto ao animal, além do auxílio biomecânico do casco

resultando na diminuição da sobrecarga. Parks (2017), detalhou que a distribuição da força através do casco é determinada pela área de toque ao solo, como a região palmar ou plantar, logo, quanto menor for a área em contato com a superfície, maior será o desconforto do animal. Busch (2009), explica que os esforços para reduzir as forças mecânicas e estabilizar a falange distal são fundamentais no tratamento da laminite, desta forma, o suporte mecânico ao casco do animal auxilia na redução da tensão mecânica, proporcionando melhores resultados na recuperação.

Thomassian (2000), descreve que equinos com laminite crônica podem ter recidivas de agudização periódicas e necessitam permanecer em baias com cama alta e macia, como as de areia ou serragem, evitando a compressão direta da sola do casco com o chão duro. Sendo assim, o manejo adequado, com dietas reguladas, baias ideais, repouso, casqueamento e ferrageamento periódicos desses animais, são essenciais no manejo de vida dos equinos portadores desta enfermidade.

Ainda no pensamento do mesmo autor, o ferrageamento com ferraduras em formato de coração, ajustáveis ou fixas, é um procedimento auxiliar para regular a perfusão sanguínea nos cascos e também para impedir ou corrigir o rebaixamento e a rotação da falange distal, sustentando a ranilha, diminuindo a dor e a compressão exercida pela última falange.

Ademais, a literatura aponta a importância da conscientização do proprietário acerca da alimentação adequada do animal bem como manter os cascos em boas condições e realização de exercícios diários como forma de prevenção a doença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo relatar o caso clínico de um equino fêmea, onde o animal apresentava um quadro sugestivo a laminite e após a realização de exames clínicos e radiológicos foi diagnosticado com a doença, desta forma a terapia aplicada se comprovou eficaz após diminuir drasticamente os sinais clínicos do animal e proporcionar uma recuperação adequada.

Portanto este trabalho demonstra a importância do manejo adequado para casos de laminite em equinos, bem como o diagnóstico eficaz e rápido para garantir a melhor terapia para cada caso visando o bem estar animal.

Palavras-chave: Laminite. Órtese. Estabilização Biomecânica. Caso clínico.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos os professores que transmitiram os ensinamentos necessários para desenvolver este trabalho na matéria de semiologia veterinária, em especial a professora Cristiane Beck e ao professor orientador, Jackson Colet, que auxiliou na elaboração deste relato de caso. Gratificam-se a orientação, a confiança e a disponibilidade de tempo, que foram fundamentais durante o desenvolvimento deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ASSIS, L. **Grandes animais: laminite equina, desafio veterinário**. *VetSmart*, 04 maio 2016. Disponível em: https://www.vetsmart.com.br/blog/2016/05/04/grandes-animais-laminite-equina-desafio-veterinário/.

]BUSCH, L. **Atualidades no tratamento da laminite em equinos**. 2009.

LUZ, Gabriela Bueno; BARBOSA, Antônio Amaral; FREITAS, Karen Cruz; et al. **Laminite em equinos: revisão**. *Brazilian Journal of Development*, p. 1-18, 2021. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/27355/21651.

MACHADO, A. C. **Efeito da administração de doses elevadas de firocoxibe na ovulação de éguas**. 2025. 72 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2025.

MARCATO, Paolo Stefano; PERILLO, Antonella. **Equine laminitis, new insights into the pathogenesis: a review**. *Large Animal Review*, p. 353-363, 2020. Disponível em: https://www.largeanimalreview.com/index.php/lar/article/view/155/101.

PAZ, Cahuê Francisco Rosa. **Cinemática de equinos hígidos, com laminite crônica ou com claudicação induzida portando diferentes órteses podais**. Belo Horizonte, p. 35-40, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/SMOC-BAQHNR.

THOMASSIAN, Armen; NICOLETTI, José Luiz de Melo; HUSSNI, Carlos Alberto; et al. **Patofisiologia e tratamento da pododermatite asséptica difusa nos equinos – laminite equina**. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, v. 3, n. 2, p. 16-29, 2000. Disponível em: https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/3335/2540.